



Entrevista com professor Ataliba Teixeira de Castilho

Hélcio Batista Pereira^{1*} e Flávio Brandão Silva²

¹Programa de Pós-graduação em Letras, Departamento de Língua Portuguesa, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. ²Programa de Pós-graduação em Letras, Departamento de Teorias Linguística e Literárias, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: hbpereira@uem.br

Introdução

Apresentamos aqui a entrevista que nos foi concedida pelo professor Ataliba Teixeira de Castilho, por e-mail, em outubro de 2021.

No âmbito da pesquisa linguística brasileira, a importância de nosso entrevistado é tão grande que, a rigor, um texto introdutório sobre ele nem sequer seria necessário, se o objetivo fosse apenas apresentá-lo. Se optamos por manter aqui essa introdução, é porque nos conformamos ao procedimento típico do gênero discursivo *entrevista* e, principalmente, por entendermos que sua obra e sua atuação merecem ser registradas, para que sirvam de inspiração a todos os pesquisadores que atuam na descrição e no ensino de língua no Brasil.

Ataliba Castilho foi Professor Titular da Universidade Estadual Paulista (então CESESP) em Marília-SP (1961-1975), Visiting Professor da Universidade do Texas em Austin (1970), Professor Titular do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (1975-1991), Professor Titular de Filologia e Língua Portuguesa na FFLCH da Universidade de São Paulo (1996 a 2006). Tornou-se Professor Emérito dessa mesma instituição, em 2013, atuando, mais recentemente, como Professor Colaborador Voluntário na Universidade Estadual de Campinas.

Ao longo de sua carreira acadêmica, ele coordenou três projetos de pesquisa de grande importância em nível nacional: o *NURC/SP*, o *Gramática do Português Falado* e o *Para a História do Português Brasileiro*, os quais movimentaram a pesquisa linguística no Brasil. Essas iniciativas tiveram, sob a sua liderança, um caráter não somente coletivo, mas principalmente dialógico. Assim, pesquisadores de instituições distintas e que atuavam com diferentes perspectivas teóricas – historicamente fechadas em si mesmas – puderam se juntar e desenvolver pesquisas colaborativas, que descreveram sob diversos pontos de vistas o uso da língua no Brasil.

De sua vigorosa produção, podemos destacar a *Nova gramática do Português Brasileiro*, publicada pela primeira vez em 2010, obra de presença obrigatória nos cursos de graduação e pós-graduação em Letras das universidades brasileiras. Coordenou ainda a publicação da coleção *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*, com 7 volumes, da qual participou também como autor. É editor geral da coleção *História do Português Brasileiro*, com 10 de seus 12 volumes já publicados, dela participando também com artigos de sua autoria.

Seus trabalhos mais recentes sugerem que a pesquisa linguística se dê a partir do que denomina *abordagem multissistêmica da língua*. Essa proposta concebe a língua como objeto dinâmico e complexo, que só pode ser de fato compreendido se observado pelo viés das ciências dos domínios complexos (Castilho, 2010). Assim, a língua seria composta pelos sistemas do léxico, da gramática, da semântica e do discurso, ordenados por um dispositivo sociocognitivo. Entre tais sistemas, não haveria qualquer relação hierárquica, de modo que um não governa o outro (Castilho, 2010). Ao observador da língua, há a possibilidade de observá-la por seus produtos - de modo que cada estrutura linguística apresentaria propriedades lexicais, gramaticais, semânticas e discursivas – ou por seus processos - a lexicalização, a gramaticalização, a semanticização e a discursivização (Castilho, 2010). Além disso, essa abordagem concebe que “[...] a língua se fundamenta num aparato cognitivo [...]” (Castilho, 2010, p. 69), que “[...] a língua é uma competência comunicativa [...]” (Castilho, 2010, p. 71), que “[...] as estruturas linguísticas não são objetos autônomos [...]” (Castilho, 2010, p. 73), e, por fim, que “[...] a língua é pancrônica [...]” (Castilho, 2010, p. 77).

Além da valiosa contribuição do professor Ataliba para os estudos da linguagem, na área da descrição linguística, destacamos também sua contribuição para o ensino de português. Nesse sentido, fazemos referência aqui a dois trabalhos: o primeiro consiste no livro *A língua falada no ensino de português*, em que o autor, ao mesmo tempo, discute, teoricamente, a Análise da Conversação e propõe a sua inserção nas aulas

de língua portuguesa, no ensino fundamental e no ensino médio. Nos três capítulos da obra, Castilho aborda aspectos teórico-metodológicos relativos à ‘conversação’, ao ‘texto’ e à ‘sentença’. Além disso, na introdução, o autor tece uma importante reflexão sobre a crise no ensino a partir de três perspectivas: a crise social, a crise científica e a crise do magistério.

O segundo trabalho com implicações no ensino de português é intitulado ‘Variação dialetal e ensino institucionalizado da língua portuguesa’, publicado como um capítulo do livro organizado por Marcos Bagno, o *Linguística da Norma*. Em seu texto, Castilho apresenta a norma linguística tendo em vista um conceito amplo e um conceito restrito. De acordo com o autor, de forma ampla, a norma pode ser entendida como ‘um fator de coesão nacional’ e, de forma restrita, “[...] como os usos e atitudes de uma classe social de prestígio” (Castilho, 2004, p. 29). Dessa forma, de acordo com o autor, a partir da segunda concepção (conceito restrito), a norma se distingue como: ‘norma objetiva’, ‘norma subjetiva’ e ‘norma prescritiva’.

Ao abordar os diferentes tipos de norma, o autor salienta que, apesar de se caracterizar como um conjunto de regras de ‘bom uso’ da norma utilizada pela classe social de prestígio, a norma prescritiva também está sujeita à variação.

Considerando a relação norma prescritiva e realidade dos alunos o autor aponta algumas reflexões acerca dessa relação, bem como dos efeitos causados por ela no ensino aprendizagem, quais sejam: a) heterogeneidade da sociedade nacional; b) ao mesmo tempo em que aumentou o número de alunos oriundos de classes mais baixas que ingressam escola, o índice de evasão também aumentou; c) pouca ou nenhuma adequação dos métodos e materiais didáticos, os quais não refletem nem mesmo a realidade do contexto escolar e muito menos a realidade social.

A seguir apresentamos o leitor da *Acta Scientiarum – Language and Culture* o texto integral da entrevista concedida por este que é certamente um dos mais importantes linguistas brasileiros de nosso tempo.

Entrevista com Ataliba Teixeira de Castilho

Pergunta: Professor, sabemos que há diferentes concepções de língua que embasam as teorias e as abordagens dos pesquisadores que se ocupam em descrever o Português Brasileiro (PB). Qual é a sua concepção? O que é língua para o senhor?

Ataliba Teixeira de Castilho: Vejo a língua como uma entidade complexa, dotada de vários sistemas que se entrelaçam, sendo que nenhum desses sistemas pode ser considerado como central – e os outros, seus derivados. Com isto, não aceito o que dizem os estruturalistas (= a fonologia é o centro da língua, e as categorias dos demais sistemas derivam das categorias fonológicas), os gerativistas (a sintaxe é o sistema central) e os funcionalistas (o discurso é o sistema central). Para desenvolver estudos a partir dessa perspectiva, temos de aderir à epistemologia dos sistemas complexos, ou sistema do caos.

Pergunta: A partir dessa concepção, qual deve ser, então, o desafio do linguista que se propõe a descrever uma determinada língua?

Ataliba Teixeira de Castilho: Como ninguém consegue dominar bem todos os sistemas linguísticos, o trabalho em grupo passa a ser obrigatório. Esse grupo deve reunir especialistas em gramática, semântica, discurso e léxico. Reunindo diferentes perspectivas, entenderemos melhor o funcionamento das línguas. Nós, brasileiros, temos a habilidade de encarar grandes projetos, atuando dessa forma.

Pergunta: É comum em textos que tentam tratar das concepções para a descrição linguística, opor o paradigma formal ao paradigma funcional. O senhor se filia, como sabemos, ao segundo, mas, em sua *Nova Gramática do Português Brasileiro*, algumas vezes, dá relevância a trabalhos claramente formalistas. Por quê? É o caráter complexo do objeto de estudo ‘língua’ que acaba permitindo diálogos?

Ataliba Teixeira de Castilho: Uma gramática deve reunir o conhecimento atual sobre uma língua, e esse conhecimento parte de diferentes pontos de vista sobre ela. É por isso que em minha gramática, às vezes ‘pulo de galho’, por achar que determinado assunto ficou melhor explicado por determinado ponto de vista.

Pergunta: Na *Nova Gramática do Português Brasileiro*, lançada inicialmente em 2010, o senhor falava em ‘teoria multissistêmica’. Em obras mais recentes, tem usado o termo ‘abordagem multissistêmica’. Por quê? Não se pode falar em teoria? O que falta para chegar a esse ‘status’?

Ataliba Teixeira de Castilho: Substituí ‘teoria’ por ‘abordagem’, porque uma teoria tem de dispor de uma representação formal, e isso eu não sei fazer.

Pergunta: A abordagem multissistêmica se propõe a dar tratamento complexo à língua, evitando os recortes mutiladores de outras perspectivas e defendendo que os elementos linguísticos apresentam propriedades em diferentes subsistemas. Qual o futuro da abordagem multissistêmica no cenário da pesquisa linguística brasileira? Como o senhor vê sua difusão? Tem acompanhado trabalhos de pesquisadores que adotam a perspectiva que o senhor propôs?

Ataliba Teixeira de Castilho: Não sei prever o futuro da abordagem multissistêmica. Os linguistas brasileiros não costumam ser vistos como produtores de generalizações e, sim, como perfilhadores de teorias geradas em outros ambientes. Suponho que esse hábito não predispõe nossos linguistas a encarar perspectivas locais, na suposição de que não terão prestígio se o fizerem. É verdade que vários trabalhos têm utilizado a abordagem como ponto de vista, mas vários deles são meus e-orientandos, e ‘aí não vale’. Entre esses trabalhos, cito Barreto (2004), Módolo (2004, 2006, 2009), Kewitz (2004, 2007, 2009), Simões (2007), Braga (2008, 2016), Defendi; Lopomo; Cacciaguerra (2009), Santos; Bernardo; Terra; Barroso (2009), Sartin (2009), Laura (2013), Kobashi (2013), Caldeira (2019), Fernandes (2019), Rodrigues (2020). Em seu livro de introdução à Linguística, Bagno (2014) integra esta proposta entre outras teorias linguísticas. O fato é que no melhor dos mundos, quem já andou ‘multissistemizando’ deveria suscitar um debate crítico sobre essa abordagem. Sem debate, não há futuro na ciência.

Pergunta: O senhor teve atuação fundamental em grandes projetos de pesquisa, como o projeto *Gramática do Português Falado* e, mais recentemente, o *Para História do Português Brasileiro*. Esses projetos se caracterizam por serem interinstitucionais e por reunirem linguistas que trabalham com diferentes perspectivas e que, em muitos outros países, não dialogariam nem compartilhariam pesquisas. O senhor acredita que esse modelo de projeto ainda deva ser seguido pelos novos pesquisadores? A ciência linguística no Brasil ainda tem a ganhar com projetos dessa natureza?

Ataliba Teixeira de Castilho: A resposta aparece no quesito anterior. Nós brasileiros temos demonstrado competência no trabalho em grupo. Lembro-me que linguistas europeus e americanos, convidados a participar dos seminários plenos desses projetos, costumavam espantar-se: ‘mas como, neste grupo há estruturalistas, gerativistas e funcionalistas? Como vocês trabalham desse jeito?’ Pessoalmente, acho que os linguistas brasileiros têm essa habilidade, que deveria continuar a ser explorada.

Pergunta: Os trabalhos do *Para História do português brasileiro* acentuaram as particularidades históricas do PB. Na sua opinião, já teríamos elementos suficientemente fortes para sustentar que o português brasileiro é ou caminha para ser uma língua distinta do português europeu?

Ataliba Teixeira de Castilho: Costumo dizer que as ciências humanas, salvo erro, não são preditivas. Mas, de todo modo, comparando os estudos diacrônicos de épocas diferentes – por exemplo, o sistema dos pronomes pessoais – nota-se uma forte tendência ao afastamento do Português Brasileiro em relação ao Português Europeu. Agora, quando esse afastamento se aprofundará, impedindo a intercompreensão, bem, isso eu não sei.

Pergunta: As pesquisas históricas do português brasileiro expuseram algumas diferenças de explicação sobre a origem do português brasileiro. Alguns optam por dar mais valor à chamada ‘deriva secular’ que mostra a relação do que temos com o português de períodos mais antigos, mostrando como fenômenos que aqui se proliferaram muitas vezes existiam nessas etapas da língua, embora não fossem de uso frequente. Outros dão mais valor ao fato de que o português se desenvolveu em cenário marcadamente multilíngue e que sua expansão se deu ou a partir de um crioulo ou por meio de processos como o de ‘transmissão irregular’, com enorme quantidade de falantes de outras línguas. Ambas as versões foram, de alguma maneira, abrandadas. Como o senhor vê a origem do Português Brasileiro?

Ataliba Teixeira de Castilho: Aqui, precisarei citar o trabalho de minha esposa, Célia Maria Moraes de Castilho. Preparando-se para o doutorado, ela leu a literatura medieval de ponta a ponta. Com isso, notou que uma série de propriedades do Português Arcaico encontravam correspondências no Português Brasileiro. Retomando esse trabalho, notou que as semelhanças se amiúdam nos documentos do séc. XIV – não por acaso, a época em que nasceram os colonizadores portugueses do Brasil (Moraes de Castilho, 2001).

Pergunta: Nas últimas décadas, a linguística brasileira produziu uma vasta descrição linguística, o que contribuiu para uma melhor compreensão sobre a história da língua e sua heterogeneidade. A despeito disso, o ensino de língua portuguesa na escola ainda apresenta alguns desafios. De que forma, na sua opinião, os estudos sobre o PB e sua história social podem contribuir para as práticas pedagógicas?

Ataliba Teixeira de Castilho: Precisáramos ter maior alcance sobre os professores em exercício, apresentando seminários, leituras de estudos recentes, e discutindo com eles a preparação de materiais didáticos. Com os cursos à distância, isso ficou mais factível, basta surgir uma liderança que toque esse projeto.

Pergunta: Os linguistas brasileiros, de forma geral, defendem a pluralidade de normas, resultado dos diferentes usos linguísticos. Dentre esses pesquisadores, o professor Carlos Alberto Faraco tem enfatizado a necessidade de se definir uma ‘norma de referência’ do PB. Qual sua opinião a respeito disso?

Ataliba Teixeira de Castilho: O Prof. Faraco foi quem mais aprofundou o debate sobre o tema. Os resultados do Projeto NURC apontam para várias normas do PB, fato previsto pelo Prof. Nelson Rossi. Vivemos num país continental, e as iniciativas prévias de selecionar uma norma regional não deram certo.

Pergunta: Tendo em vista a conjuntura que se apresenta - de pouco investimento na pesquisa, em geral, principalmente nas Ciências Humanas - e considerando a produção científica da área até o momento, quais perspectivas/contribuições o senhor vislumbra para a linguística brasileira, nos próximos anos?

Ataliba Teixeira de Castilho: Sem deixar de lado o estudo do PB, a descrição de nossas línguas indígenas e o estudo dos crioulos de base africana – essas tarefas ainda não foram completadas -, penso que deveríamos criar um programa de pós-doutorado inter-institucional, voltado para a preparação de especialistas em teorização linguística. Essa não é tarefa para um pesquisador só. Mas já temos a massa crítica par compor o respectivo corpo docente. Aqui também estamos à cata de uma liderança.

Referências

- Bagno, M. (2014). *Língua, linguagem, linguística: pondo os pingos nos ii* (p. 23-27). São Paulo, SP: Parábola.
- Barreto, T. M. M. (2004). Esboço de estudo multissistêmico do item conjuncional ‘conforme’. In S. B. B. Costa & A. V. L. Machado Filho (Orgs.), *Do português arcaico ao português brasileiro* (p. 13-30). Salvador, BA: Universidade Federal da Bahia.
- Braga, H. S. (2008). *Desaparecimento da flexão verbal como marca de tratamento no modo imperativo. Um caso de variação e mudança no Português Brasileiro* (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Braga, H. S. (2016). *Construções imperativas no português brasileiro: uma abordagem funcionalista-cognitivista* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Caldeira, M. (2019). *As sentenças de identificação sob uma perspectiva cognitivo-funcional: uma abordagem multissistêmica* (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Defendi, C. L., Spaziani, L., Cacciaguerra, V., & Vicente, R. B. (2009). Análise multissistêmica das palavras atrás, fora, onde, afinal. In A. T. Castilho (Org.), *História do Português Paulista* (p. 359-382). Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas.
- Castilho, A. T. (2003). *A língua falada no ensino de português* (5a ed.). São Paulo, SP: Contexto.
- Castilho, A. T. (2004). Variação dialetal brasileira e ensino institucionalizado da língua portuguesa. In M. Bagno, *Linguística da norma* (2a ed., p. 27-36). São Paulo, SP: Loyola.
- Castilho, A. T. (2010). *Nova gramática do Português Brasileiro*. São Paulo, SP: Contexto, 2010.
- Fernandes, F. O. (2019). *Os lugares da concordância na história das construções-Q* (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Kewitz, V. (2004). A gramaticalização das preposições “a” e “para” no português brasileiro. In *Anais do Linguistisches Kolloquium, Romanisches Seminar, Universität zu Köln*, Colônia, DE.
- Kewitz, V. (2007). *A gramaticalização e semanticização das preposições “a” e “para” no português brasileiro (secs. XIX a XX)* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Kewitz, V. (2009). Gramaticalização, semanticização e discursivização das preposições “a” e “para” no Português Brasileiro (secs. XIX a XX). In A. T. Castilho (Org.), *História do Português Paulista* (p. 603-736). Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas.
- Kobashi, C. M. (2013). *Semanticização e sintaticização das construções de dupla conjunção no português brasileiro* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Laura, F. I. (2013). *Abordagem multissistêmica da marcação de tema no português paulista* (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

- Moraes de Castilho, C. M. (2001). Seria quatrocentista o português implantado no Brasil? Estruturas sintáticas duplicadas em textos portugueses do século XV. In R. V. Mattos e Silva (Org.), *Para a história do Português Brasileiro* (p. 57-89), São Paulo, SP: Humanitas / Fapesp.
- Módolo, M. (2004). *Gramaticalização das conjunções correlativas* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Módolo, M. (2006). A estrutura correlativa alternativa ‘quer...quer’ de uma perspectiva multissistêmica. In T. Lobo, I. Ribeiro, Z. Carneiro & N. Almeida (Orgs.), *Para a história do português brasileiro. Novos dados, novas análises* (p. 313-334). Salvador, BA: Universidade Federal da Bahia.
- Módolo, M. (2009). A estrutura correlativa alternativa quer...quer de uma perspectiva multissistêmica. In A. T. Castilho (Org.), *História do português paulista* (p. 359-382). Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas.
- Rodrigues, J. O. (2020). *Sintaticização do infinito pessoal no português brasileiro à luz da abordagem multissistêmica* (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Santos, E. C., Bernardo, K. V., Terra, L., & Barroso, P. (2009) Análise multissistêmica dos verbos buscar, esperar, querer, vir. In A. T. Castilho (Org.), *História do Português Paulista* (p. 383-398). Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas.
- Sartin, E. B. G. (2009) Análise multissistêmica de orações complexas: estruturas “para + infinitivo” no português culto. In A. T. Castilho (Org.), *História do Português Paulista* (p. 399-404). Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas.
- Simões, J. S. (2007) *Sintaticização, discursivização e semanticização das orações de gerúndio no português brasileiro* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.